

Apresentação

Dossiê Fronteiras: territórios, políticas, diferenças e desigualdades.

José Lindomar Albuquerque¹

José Miguel Nieto Olivar²

Este dossiê sobre fronteiras é fruto de encontros acadêmicos e de novas redes e contatos entre pesquisadores que vem construindo suas trajetórias acadêmicas a partir de pesquisas em diversas realidades fronteiriças, especialmente os territórios e os mercados de fronteiras internacionais, os movimentos migratórios, as situações indígenas em zonas fronteiriças e as frentes de expansão.

A ideia desse dossiê surgiu no marco da 38ª Reunião da ANPOCS em 2014, quando José Lindomar Albuquerque, José Miguel Nieto Olivar e Marcelo Ennes organizamos pela primeira vez o Seminário de Pós-Graduação denominado *Fronteiras: territórios, políticas e interculturalidade*. A qualidade dos trabalhos apresentados nos animou a construir novas atividades em conjunto durante este ano de 2015. Organizamos então uma Mesa Redonda sobre fronteiras nacionais e culturais a ser apresentada na 17ª Reunião da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) (Porto Alegre, 20-23 de julho) e reeditamos o SPG *Fronteiras: territórios, políticas e interculturalidade* para a 39ª Reunião da ANPOCS.

A partir do processo de discussão disparado pela proposta do SPG ANPOCS em 2014 e estimulados pelos trabalhos apresentados na sessão do evento, recebemos o convite de organização desse dossiê como uma oportunidade para circular, de maneira mais ampla, resultados de pesquisas, debates e questões ainda abertas nesse campo. A organização e divulgação deste dossiê provavelmente permitirá aprofundar algumas

¹Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), coordenador do Núcleo de Estudos Fronteiriços e membro do Observatório da Tríplice Fronteira. E-mail: joselindomar74@gmail.com

²Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/Unicamp. Auxílio FAPESP Jovem Pesquisador, processo 2013/26826-2. E-mail: escreve.ze@gmail.com

concepções dos estudos contemporâneos de/em fronteiras e construir redes de pesquisas em distintos e complexos territórios fronteiriços.

Conscientes da vasta, diversa e dispersa produção brasileira em e sobre fronteiras, esses encontros e publicações coletivas têm como objetivo começar a constituir um espaço de interlocução entre pesquisadores que vem realizando suas pesquisas de campo em diferentes contextos e situações fronteiriças. Nesse sentido, o presente dossiê, antes que apresentar um campo consolidado, visa começar a estabelecer pontos de contato, identificar caminhos de investigação e servir como estímulo e guia para futuras pesquisas e debates em diversos cursos, grupos e núcleos de pesquisa já existentes e a serem criados nas universidades brasileiras.

1. A construção de um campo de estudos sobre fronteiras no Brasil

Na última década a discussão sobre fronteiras tem alcançado novos espaços institucionais em várias universidades no Brasil. Vale destacar a criação das novas universidades fronteiriças, cuja temática das fronteiras tem adquirido centralidade nas áreas de Ciências Sociais, Relações Internacionais, História, Geografia, Letras e Comunicação, entre outras, tais como a Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Também foram criados programas de pós-graduação interdisciplinares focados especificamente no conhecimento das relações sociais nos territórios fronteiriços, tais como o Mestrado de Estudos Fronteiriços da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), campus Corumbá; o Mestrado em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima (UFRR); Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras (Foz do Iguaçu) e a linha de pesquisa em Fronteira do Mestrado em Ciências Sociais (Toledo) da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE), entre outros.

Além disso, há vários grupos de pesquisa em fronteiras em diversas universidades brasileiras, como o Observatório da Tríplice Fronteira, criado em 2008 e composto principalmente por pesquisadores argentinos

e brasileiros, o Grupo RETIS da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Núcleo de Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e o grupo Comunicação, Identidades e Fronteiras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), entre outros. Além da discussão sobre “fronteiras” em núcleos e centros que discutem temas transversais as fronteiras, como gênero, sexualidades, relações interétnicas, migrações; tal é o caso do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU, da Universidade de Campinas (UNICAMP), o Núcleo Interdisciplinar em Estudos Migratórios (NIEM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o grupo de estudo e pesquisa - Processos Identitários e Poder (GEPIPI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a linha de pesquisa sobre migração no Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), da Universidade de São Paulo (USP). Há ainda vários pesquisadores mais ou menos individuais em diversas universidades do país. Além de revistas e bibliotecas especializadas nos estudos de fronteiras, como, por exemplo, a Revista Fronteiras, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e a Biblioteca Digital UNBRAL Fronteiras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Somados a estudos vinculados a outros programas de pós-graduação e grupos de pesquisa, o conjunto dessas iniciativas traduz uma importante e crescente produção de conhecimento voltado às questões de territórios de fronteira, mobilidades transnacionais e interculturalidade.

Os interesses de produção de pesquisas institucionais também vêm ganhando força em aspectos específicos e com interesses diversos. Por exemplo, vale a pena destacar as recentes pesquisas do Ministério da Justiça: Diagnóstico sobre Tráfico de Pessoas em Áreas de Fronteiras (BRASIL, 2013), realizado em parceria com o International Centre for Migration Policy Development (ICMPD) e o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, e a pesquisa Segurança Pública nas Fronteiras, realizada em convênio com o Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NECVU/UFRJ) (HIRATA, *no prelo*). Essas pesquisas fazem parte de uma estratégia nacional de segurança em territórios de fronteira e participam da construção social tanto das ideias e políticas sobre Tráfico, bem como dos processos de associação da fronteira com atividades criminais.

Os territórios de fronteiras internacionais vivenciam atualmente uma revigorada atenção dos governos e das populações dos Estados nacionais. No Brasil, por exemplo, os governos federal e estaduais deram origem a novos marcos institucionais, tais como as “Bases para uma política de Integração e Desenvolvimento da Faixa de Fronteira” (2010). O Plano Estratégico de Fronteiras (2011), principal marco de política pública, se traduz, entre outras, em periódicas e ostensivas operações de segurança e defesa. Essas políticas vêm implicando na ampliação e intensificação da ação do governo civil e militar nos territórios fronteiriços, bem como a atualização do imaginário da fronteira como lugar privilegiado de ilegalidades, crimes, conflitos, violências e destruição de tradições e modos de vida.

Essas atuais políticas de desenvolvimento e segurança nas fronteiras brasileiras não estão desvinculadas das universidades e de grupos de pesquisa. Alguns pesquisadores estão envolvidos na produção de relatórios de investigação, financiados pelo Estado brasileiro e outras organizações nacionais e internacionais, que podem legitimar e corroborar as atuais políticas de segurança das fronteiras, ainda que a maioria desses investigadores tenha os seus espaços de autonomia e reflexão crítica sobre estas políticas e sobre os efeitos políticos desses resultados de pesquisa. São, muitas vezes, investigações produtoras e legitimadoras dos controles fronteiriços em uma imensa “faixa de fronteira” com nove países vizinhos e com uma colônia europeia, a Guiana Francesa.

Apesar da emergência política da questão fronteiriça, os espaços de encontro e interlocução para discussão de suas múltiplas facetas como objeto das Ciências Sociais ainda precisam ser ampliados e consolidados. Nas reuniões da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) algumas questões relacionadas às fronteiras foram mais diretamente pensadas nos GTs sobre migrações, sem se constituir no centro do debate as questões específicas e conceituais que envolvem a discussão teórica e empírica das fronteiras internacionais no mundo contemporâneo. Nesta perspectiva, os simpósios e grupos de trabalho que estamos propondo, bem como o presente dossiê, buscam congregam investigadores que estejam

trabalhando com diferentes abordagens dos estudos de fronteiras (limites, territórios, lugares, fluxos, frentes de expansão, metáforas, zonas de contato, relações interculturais etc.).

Nesse panorama, resulta necessário reunir esforços de pesquisa para, a partir de dados empíricos e aportes teóricos e conceituais, refletir e compreender sobre questões tais como: O que são as fronteiras para os estudiosos do tema? Quais são as imagens e ideias de fronteiras mobilizadas desde os centros de poder? Como os meios de comunicação (televisões, rádios, jornais impressos, internet, etc.) têm imaginado de longe e de perto os territórios fronteiriços? Como as fronteiras são imaginadas e sentidas por todos aqueles que vivenciam essas realidades de limites, controles, transições e travessias nos mares, rios, aeroportos, portos, estradas e territórios de fronteiras internacionais? Quais os efeitos que as “novas” práticas e noções de legalidade, justiça, governo e “civilidade” trazem para a vida das pessoas, nacionais e estrangeiras, que habitam esses territórios e lugares de múltiplas fronteiras? Como esses habitantes lidam diferencialmente com as transformações em curso? Que deslocamentos, territórios, questões, referenciais teóricos, interesses políticos, preocupações acadêmicas estão orientando a investigação social sobre fronteiras? Como estão sendo articuladas as fronteiras na sua dimensão metafórica em relação com outras noções próximas como margens, limites, periferias, bordas? O que já sabemos e o que ainda não foi perguntado?

2. Situando o dossiê no debate sobre fronteiras.

Todas estas e outras perguntas aguçam nossa imaginação fronteiriça e apontam para novos desafios de pesquisa. A “fronteira”, particularmente a “fronteira internacional”, parece ser uma realidade social bastante autoevidente. Encontra-se bastante enraizada e naturalizada em nossa imaginação moderna devido à própria centralidade que o Estado nacional adquiriu nos dois últimos séculos. A primeira vista quase todos sabem o que é um limite internacional: uma divisão territorial entre dois ou mais países, demarcada, simbolizada e operacionalizada por um conjunto de instituições e agentes estatais. Marcos de fronteiras, bandeiras nacionais

tremulando no céu, os prédios das alfândegas e seus sistemas de controles de pessoas e mercadorias, a sinalização dos espaços de circulação e os soldados e agentes fronteiriços com seus fardamentos nacionais fazem geralmente parte da paisagem dos diversos postos de fronteiras terrestres. Muitas destas representações se encontram também nas zonas internacionais dos aeroportos e portos espalhados pelo mundo, como veremos com o texto de Gustavo Dias nesse volume. São, também, territórios de fronteira.

Mas as fronteiras não se resumem às portas de entrada e saída entre países ou regiões. Os territórios fronteiriços são bastante heterogêneos, especialmente em seus espaços urbanos. Além disso, o que antes descrevemos é mais uma sinédoque das fronteiras nacionais, ou seja, a generalização de uma parte pelo todo. Além disso, estamos entendendo as fronteiras para além (ou para aquém) dos limites e zonas limítrofes dos territórios nacionais, em suas diversas dimensões territoriais e metafóricas (GARCÍA, 2003).

O termo “fronteira” tem uma longa história e antecede a formação dos Estados modernos. Segundo Lisón Tolosana (1994:77) deriva do termo “front” (frons em latim), que significa “o que está em frente” e, em segundo lugar, o chefe militar que comandada o “frente” no campo de batalha. Tudo indica que esse significado foi inicialmente gestado no contexto do Império Romano (27 a.c – 476 d.c) (SANTOS, 2011). Seguindo esse argumento, a palavra tem uma origem militar e um sentido expansivo. Remete às formas de conquista e domínio dos impérios e reinos antigos e medievais e ao caráter móvel e impreciso desses territórios (MARTIN, 1998).

Com a criação e consolidação dos Estados modernos europeus a partir do século XVII, a ideia de território delimitado e demarcado torna-se predominante e a “fronteira” passa a ser associada ao limite preciso entre os territórios dos novos Estados soberanos. Este sentido alcança centralidade nos séculos seguintes e se dissemina para outros continentes nos contextos de expansão colonial e formação dos Estados nacionais. Os termos ingleses - “border”, “borderline” - estão associados, sobretudo, a essa noção de limite entre Estados nacionais.

Já os estudos sobre as fronteiras nacionais tem uma história mais recente. As abordagens teóricas começam a partir do final do século XIX sobretudo na Alemanha e na França, especialmente na área de Geopolítica e Geografia (SPRANDEL, 2005). O contexto pós Guerra Franco-Prussiana (1870-71) e as disputas em torno da região fronteiriça Alsácia-Lorena entre os dois países se constituem em referências relevantes nessas reflexões iniciais³ (RATZEL, 1987 [1897]; VALLAUX, 1911). A discussão sobre os territórios das fronteiras estatais continuou tendo bastante centralidade na área de Geografia e Geopolítica durante o século XX (ANCEL, 1938; FOUCHER, 2009; RAFESTIN, 1986; ARRIAGA-RODRIGUEZ, 2014).

Na área de Ciências Sociais o tema das fronteiras internacionais não se constituiu em discussão teórica privilegiada nos autores clássicos. Somente Max Weber abordou mais de perto os territórios e as identidades fronteiriças em sua breve referência aos alsacianos (WEBER, 1999a) e na análise polêmica em torno da situação dos camponeses poloneses na fronteira entre a Alemanha e a Polônia (WEBER, 1999b). As Ciências Sociais entram nesse debate especialmente nas três últimas décadas, em um contexto de formação de comunidades regionais- União Europeia, Mercosul, por exemplo -, de surgimento de várias fronteiras nacionais com o fim da União Soviética, de intensificação das migrações transnacionais e outras formas de mobilidades, da expansão dos processos de urbanização e de comercialização nas cidades fronteiriças, e de ampliação dos muros fronteiriços, particularmente depois do 11 de setembro de 2001, entre outras reconfigurações dos espaços de fronteira. Os investigadores das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia e da Sociologia, tem se dedicado a pensar estes processos e as formas de interação, de identidade, integração, separação, diferenciação e de classificação produzidas pelas populações que vivem nos lugares de fronteiras internacionais em um contexto de profundas e permanentes transformações sociais (GRIMSON, 2000; 2003; VILA, 2000; 2003;

³Agradecemos ao professor Juan Agullo Fernandez (UNILA) a referência sobre a importância desse contexto de disputa pela região fronteiriça da Alsácia-Lorena entre a Alemanha e a França na própria produção do pensamento geopolítico sobre fronteiras nestes dois países. Apresentação sobre “Fronteiras” no seminário “Percepção da integração regional na fronteira do Brasil, Argentina e Paraguai: Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú, Ciudad del Este”, coordenado pelo professor Jayme Benvenuto (UNILA), 11 e 12 de junho de 2015.

DONNAN; WILSON, 1999; VALENZUELA ARCE, 2003; 2014; MACAGNO; MONTENEGRO; GIMENEZ BELIVEAU, 2011).

Mas a fronteira no mundo colonial e na formação da modernidade também significa o movimento e a separação entre a “civilização” dos “cristãos”, “europeus”, “ocidentais”, “conquistadores” e, posteriormente, “industrializados” (“western”) e o mundo a ser dominado, conquistado, civilizado e desenvolvido (ou democratizado) dos “pagãos”, dos “selvagens”, dos “bárbaros”, dos “atrasados” e “subdesenvolvidos”. O processo colonial europeu em outros continentes e as conquistas dos “territórios internos” pelos “pioneiros” no processo de formação e consolidação dos Estados nacionais radicalizam o entendimento das fronteiras como “frentes de expansão” da civilização ocidental e da economia capitalista.

Grande parte da reflexão antropológica desde o século XIX tem abordado os significados variados dessas “fronteiras da civilização” nos contextos coloniais e “pós-coloniais”. De fato, é possível afirmar que o surgimento e crescimento da Antropologia estão diretamente ligados à produção de conhecimento não apenas sobre esses lugares situados nessas fronteiras coloniais, mas desde eles (KUPER, 2008; 2002). O pensamento social latinoamericano, desde o clássico de Domingo Sarmiento, *Facundo. Civilización y barbárie (1845)* (SARMIENTO, 1997), também tem contribuído na produção deste sentido da fronteira no sul do continente americano (ALBUQUERQUE, 2011). Já na América do Norte, o texto do historiador Frederick Jackson Turner, *The significance of frontier in the American History* (1893), se constituiu em um clássico dos estudos de fronteira entendida como movimento de conquista, expansão – *frontier*- e de nacionalização do território dos Estados Unidos (TURNER, 2004; ZÁRATE BOTÍA, 2008). No Brasil vale destacar alguns trabalhos que fazem referências explícitas ou implícitas a teoria da fronteira de Turner no esforço de interpretação histórica e geográfica do movimento da fronteira na sociedade brasileira, tais como os livros *Marcha para Oeste* (1940), de Cassiano Ricardo, *Caminhos e fronteiras* (1957), de Sérgio Buarque de Holanda, e o artigo *As zonas pioneiras no Brasil* (1955), de Leo Waibel (RICARDO, 1940; HOLANDA, 1994; WAIBEL, 1955). No campo das Ciências Sociais, muitos pesquisadores se posicionaram criticamente em relação à obra de Turner no debate sobre as “frentes de

expansão” no contexto da Amazônia, especialmente na década de 1970 (VELHO, 1976; RIBEIRO, 1996).

Martins (1997), mais recentemente, tem seguido essa tradição de compreensão da fronteira como frente de expansão. Este autor tem abordado a fronteira como território de expansão do capital ou de modelos sociais e políticos que tem tido lugar no norte e oeste do Brasil a partir de centros urbanos de poder. Nesse sentido, aparece a ideia de “fronteira interna” ou de “fronteiras de expansão” como situações de conflitos sociais e culturais. Assim entendida como lugar de conflitos, a fronteira se constitui em um espaço privilegiado para compreender relações interétnicas, processos de exploração econômica, violências sistemáticas associadas a modelos de colonização ou de desenvolvimento e configuração política de determinadas regiões, como a Amazônia. Trata-se de pensar as frentes de expansão do capitalismo não a partir dos denominados pioneiros, mas dos setores marginalizados e subordinados nestas frentes de dominação, como os posseiros, camponeses e indígenas. O trabalho mais recente de Galetti (2012) também aponta nessa direção. A pesquisa se ocupa de compreender a história do processo de construção das noções políticas de “sertão” e de “fronteira” associadas à ocupação do Mato Grosso, constituindo um aporte valioso na compreensão da densidade histórica e política dessas noções de frentes de expansão no passado e no contexto contemporâneo.

Martins (1997) dialoga com os estudos indígenas na região amazônica. Nessa tradição acadêmica merece uma referência o trabalho do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, *Os índios e o mundo do branco*, quando o autor inicia uma importante reflexão fronteiriça sobre o conceito de “fricção interétnica” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1972). O diálogo com o ensaio de Frederick Barth, *Os grupos étnicos e suas fronteiras* (1969), possibilita a estes estudiosos pensar as fronteiras como formas de organização política e produção de identidades contrastivas construídas nos limites de diferenciação entre os grupos étnicos (BARTH, 1998). Desde então uma grande tradição de estudos sobre fronteiras étnicas se expande no interior dos estudos antropológicos. Roberto Cardoso de Oliveira, alguns orientandos e outros pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) desenvolveram relevantes trabalhos sobre as intersecções entre fronteiras étnicas, nacionais e as frentes de

expansão no Brasil e em outros países da América Latina em contextos mais recentes (CARDOSO DE OLIVEIRA; BAINES, 2005; GRIMSON, 2000).

Essa linha de pensamento sugere reflexões sobre fronteiras que são inseparáveis das questões relacionadas às identidades, à produção social das diferenças, e às alteridades nacionais e étnicas. As migrações internacionais, as mobilidades transfronteiriças e as lutas por reconhecimento dos grupos indígenas situados nas fronteiras internacionais têm fortalecido as discussões sobre plurinacionalidade, multiterritorialidade, interculturalidade e assimetrias de poder nos limites e nas margens do Estado nacional (LOPEZ GARCÉS, 2000; 2011; GOULARD, 2005; ver também REIS nesse dossiê).

Nessa interlocução entre distintas concepções de fronteiras (*border*, *frontier* e fronteiras interétnicas, entre outras), os trabalhos de Sprandel (1992), Albuquerque (2009; 2010; 2012), Rodrigues e Pereira (2012), Oliveira, R. (2013), Olivar (2013, 2014) tem priorizado temas específicos em contextos fronteiriços (“brasiguaios”, garimpo, mobilidades, famílias “binacionais”, parentesco, economias, políticas e mercados do sexo transfronteiriços) para imaginar a confluência entre as frentes de expansão, as migrações transfronteiriças, as linhas e zonas de fronteiras internacionais e as identidades situacionais a partir das discussões sobre cidadania em zonas de fronteira, os significados dos lugares de vivência e de trânsito entre limites e zonas fronteiriças, as relações econômicas, sexuais e de gênero em territórios transfronteiriços, as tensões nas relações de poder em contato, os discursos e ações em torno da integração fronteiriça, entre outras.

Nas últimas décadas os estudos fronteiriços têm expandido em várias direções. A noção de “fronteira” ganhou a partir dos anos de 1990 uma grande polissemia nas Ciências Sociais (LAMONT & MOLNÁR, 2002; HANNERZ, 1997). No âmbito da produção acadêmica nessa área do conhecimento, as fronteiras (especialmente as internacionais) têm sido abordadas a partir de enfoques políticos, econômicos, jurídicos e culturais em suas dimensões macro e micro, e em perspectivas históricas e contemporâneas.

Autores como Feldman-Bianco (2009), Piscitelli (2013), Assis (2011), Silva (2010, 2013), Lowenkron (2014), bem como as colaborações de Togni e Dias nesse volume, tem priorizado uma aproximação à fronteira desde as temáticas dos deslocamentos transnacionais (migrações, refúgios, turismo, etc.), as políticas de segurança e controle das migrações e das fronteiras internacionais, as relações interétnicas e interculturais, a produção mais ou menos estratégica de identidades e diferenciações em contextos de atravessamento de fronteiras, entre outras questões. Nesse recorte, a fronteira ocupa principalmente o lugar do limite dos Estados-Nação que se atualiza no processo migratório, que pode ou não estender-se nos territórios nacionais e privilegiar determinados corpos, espaços e performances.

Outras abordagens tem assumido “a fronteira” mais claramente como uma categoria capaz de oferecer explicações a fenômenos sociais ou de sintetizar analiticamente relações sociais, configurações geopolíticas ou trânsitos entre categorias. Assim é possível atentar ao sentido dado a “fronteira” no trabalho de Feltran (2011), por exemplo, no qual se recupera a potência metafórica dessa noção (divisão, ponte, conexão, conflito, fluxo) para ajudar na compreensão de tensões entre política e violência, entre “o Estado” e “o crime”, entre centros e periferias urbanas em São Paulo. Mais recentemente Paula Togni (2014 e nesse dossiê) avançou nesse uso da “fronteira” no marco de relações transnacionais fortemente marcadas por tensões sobre ilegalismos, por políticas de Estado e por relações familiares, afetivas, sexuais e econômicas.

O diálogo com os estudos pós-coloniais, pós-modernos, subalternos, teoria *queer*, teorias migratórias, fluxos transnacionais e situações interculturais, entre outros, tem favorecido um aumento significativo das abordagens sobre as fronteiras políticas, culturais e simbólicas. Algumas dessas novas abordagens de fronteiras, que atravessam questões mais amplas dos estudos sociais e culturais, como hibridação e assimetrias de poder (CANCLINI, 2000; ANZALDÚA, 1987), multiterritorialidades (HAESBAERT, 2011; 2007), heterotopias e fronteiras dos ilegalismos (FOUCAULT, 2013; 2008; TELLES; HIRATA, 2010; RABOSSI, 2009; CARDIN, 2012; BARBOSA; RENOLDI; VERÍSSIMO, 2013; COSTA; OLIVEIRA, 2012), táticas, estratégias e controles (DE CERTEAU, 1994; PAPADOPOULOS; STEPHENSON; TSIANOS, 2008;

ALBUQUERQUE, 2012), margens e processos de fronteirização (DAS; POOLE, 2008; GRIMSON, 2003; LOIS, 2014), a fronteira como recurso (VALCUENDE, 2009; CAMPOS-DELGADO; ODGERS ORTIZ, 2012), interseccionalidades (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008) e interculturalidades (SILVA, 2005; ENNES, 2014) entre outras, intensificam e pluralizam o debate contemporâneo e, como veremos, alimentam os artigos aqui publicados e as discussões que suscitam. Portanto, os trabalhos aqui reunidos dialogam com as abordagens já consagradas das teorias de fronteira e com as novas perspectivas dos estudos fronteiriços.

Como já dissemos, a produção é bastante ampla e diversa, pelo que resultaria impossível sistematizá-la nessa apresentação; porém, buscamos construir uma imagem panorâmica que permita entender, da melhor maneira possível, o lugar em que se localizam os trabalhos aqui publicados.

3. O dossiê

O primeiro artigo, *Entre fissões e fusões: a territorialização dos Matsés*, de Rodrigo Reis, estabelece um importante diálogo com essas perspectivas mais clássicas dos estudos de fronteira. O autor articula as concepções de limites internacionais, frentes de expansão e reconfiguração étnica visando pensar algumas dinâmicas históricas, sociais e espaciais específicas dos índios Matsés situados na região amazônica na fronteira entre o Brasil e o Peru, especialmente a partir dos anos de 1970. O foco fundamental do artigo é abordar a relação simultânea entre etnicidade, nacionalidade e territorialidade em disputa em uma zona de contato e conflito entre as políticas estatais de territorialização dos grupos indígenas (áreas de demarcação), as frentes de expansão (mineração, madeireiras, exploração do petróleo, entre outras), os agentes religiosos, o movimento indigenista e a organização política dos Matsés entre os limites territoriais do Brasil e do Peru. Tudo isso possibilita novas formas de luta política e de identificação transfronteiriça, como a ideia de uma unidade transfronteiriça dos Matsés -fortemente marcada pela unidade étnica e a alteridade nacional- em torno das reuniões e dos jogos binacionais nos últimos anos, ainda que as

identificações nacionais e a instrumentalização da fronteira política continuem sendo operadas pelos “Matsés do Peru” e os “Matsés do Brasil”.

Os três artigos seguintes centralizam nas discussões contemporâneas sobre os limites entre o “legal” e o “ilegal”, o “formal” e “informal”, o “lícito” e “ilícito” nas situações específicas do comércio de fronteira. O artigo de Álvaro Banducci Jr, *Mercado informal na fronteira Brasil - Paraguai: Shopping Calçadão Mercosul*, analisa a particularidade do comércio fronteiriço entre as “cidades gêmeas” de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY). Nas décadas de 1980 e 1990, novos processos articulados ocorrem entre essas duas cidades e desenham o cenário contemporâneo das atividades comerciais localizadas no canteiro central da divisa entre os dois países, tais como o aumento do comércio de reexportação no Paraguai, a vinda de imigrantes árabes, chineses e coreanos e os novos destinos de compras dos chamados “sacoleiros” no Brasil, com o aumento da fiscalização na Ponte da Amizade entre Foz do Iguaçu (BR) e Ciudad del Este (PY). Banducci Jr associa a criação do Shopping Calçadão Mercosul (SCM) na linha de divisa entre os dois países em meados dos anos de 1990 a dois fenômenos interligados: o aquecimento da economia de Pedro Juan Caballero e a crise comercial em Ponta Porã. Com a valorização do real frente ao dólar no Brasil no contexto do Plano Real (1994) se tornou bastante vantajoso para os moradores de Ponta Porã e de outras cidades e estados brasileiros comprar mais barato na “cidade gêmea” paraguaia, intensificando a crise comercial na cidade brasileira. Como o autor demonstra, os brasileiros idealizadores do SCM construíram diversas estratégias normativas e discursivas de produção de uma autoimagem de “legalidade” das práticas comerciais realizadas no Shopping Calçadão Mercosul em contraste com uma imagem de “ilegalidade” atribuída ao comércio paraguaio. Entretanto, as similitudes dos lugares, dos proprietários, das mercadorias comercializadas e da paisagem urbana foram se tornando cada vez mais explícitas, tornando porosas e ambivalentes as fronteiras entre os territórios nacionais e entre as práticas informais, ilegais e ilícitas entre as “casillas” paraguaias e o “shopping” brasileiro.

No artigo seguinte, *Os descaminhos na fronteira: fiscais do Estado e trabalhadores nos processos de apreensão de mercadorias na fronteira*

Brasil-Paraguai (1980-2015), Cintia Fiorotti centraliza no universo dos trabalhadores que vivem do comércio e do transporte de mercadorias não regulamentados e nos agentes estatais responsáveis pelos controles entre as cidades fronteiriças de Salto de Guairá (PY), Guairá (Paraná-BR) e Mundo Novo (MS-BR) nas últimas décadas. Por meio da análise de auto criminais, de entrevistas com trabalhadores e agentes estatais e de reportagens jornalísticas, Fiorotti busca compreender as mudanças históricas dos produtos “contrabandeados”, das legislações de criminalização, das justificativas legitimadoras desses tipos de trabalho e das diversas táticas para lidar com a fiscalização dos agentes estatais. O objetivo central do artigo é desenvolver uma abordagem compreensiva sobre o significado que os diversos agentes da fronteira atribuem à prática do “descaminho” e “contrabando”, tais como “ações ilegais”, “formas de sobrevivência”, “ganhos extras”, “cotas e cotistas”, “sacolismo”, entre outras. Esses distintos significados são operados por diferentes agentes e em situações sociais e históricas específicas nessas últimas décadas.

A questão da relação entre (i)legalidades e fronteira ganha mais uma abordagem nesse dossiê através do artigo de José Lindomar Albuquerque e Luiz Fábio Paiva, *Entre nações e legislações: algumas práticas de “legalidade” e “ilegalidade” na tríplice fronteira amazônica (Brasil, Colômbia, Peru)*. Dessa vez, a reflexão, de caráter etnográfica, está localizada na tríplice fronteira entre o Brasil, o Peru e a Colômbia. Albuquerque e Paiva apresentam algumas formas possíveis em que socialmente os habitantes – principalmente brasileiros da cidade fronteiriça de Tabatinga - organizam a relação entre Estado, nação, legal e ilegal. As noções de legalidade/ilegalidade não apenas mudam de um país a outro, mas mudam segundo os usos, interesses e a maneira particular que tais bens e ações adquiram na avaliação dos sujeitos. Assim, os autores apresentam como algumas práticas são ilegais de um lado, mas legais do outro - como os cassinos e as brigas de galos-, enquanto outras são irregulares nos diferentes lados, mas o estatuto de fiscalização e controle muda – como o não uso de capacete na moto. Ao mesmo tempo que há outras práticas apenas, digamos, teoricamente ilegais (como o “contrabando” de alimentos) que são “permitidas” pelos agentes do Estado. Nessa paisagem urbana, o tráfico de drogas se destaca como uma atividade transnacionalmente concebida como crime,

combatida pelos três países, mas também constituinte da história, da economia e de diversas relações sociais nessa tríplice fronteira. A abordagem oferecida pelos autores demonstra como as relações entre lei, Estado e nação são variáveis e como estão sujeitas a avaliações morais contrastivas que produzem diferenciação e, portanto, identidade e alteridade: no caso, “ser brasileiro”, ser legal, e ver o “outro” (peruano ou colombiano conforme a situação específica) como “ilegal”, “irregular” ou “clandestino”. Finalmente, os autores chamam a atenção sobre a necessidade de não naturalizar a lei (e portanto a ilegalidade), mas de entendê-la como processos de gestões diferenciadas de ilegalidades (TELLES, HIRATA, 2010; RABOSSI, 2009; COSTA E OLIVEIRA, 2012) que podem ter (ou não?) um espaço privilegiado de observação nas fronteiras.

Na sequência, José Miguel Olivar, no artigo *Performatividades governamentais de fronteira: a produção do Estado e da fronteira através das políticas de tráfico de pessoas na Amazônia brasileira*, desenvolve uma criteriosa reflexão crítica que busca articular as produções contemporâneas de relatórios de pesquisa sobre “tráfico de pessoas” nas fronteiras internacionais e as atuais políticas de segurança das fronteiras brasileiras nos últimos anos. As categorias geralmente reificadas nesses relatórios - “fronteira”, “tráfico de pessoas” e “Amazônia” – são problematizadas a partir de uma análise crítica dessas relatórios/políticas/discursos produtores de fronteiras e desde uma abordagem etnográfica situada em duas cidades fronteiriças do estado do Amazonas- São Gabriel da Cachoeira e Tabatinga, fruto de experiências de pesquisa do autor nos últimos anos sobre os “mercados de sexo” e as “políticas antitráficos nas fronteiras amazônicas”. O objetivo teórico central do artigo é pensar o Estado como uma realidade heterogênea, multidimensional, policentrada, processual, capilar e que se produz de maneira “ativa, enunciativa” e por vezes “espetacular” nos contextos das fronteiras internacionais. Daí a centralidade dos conceitos de governamentalidade e performatividade que orientam a observação etnográfica dos “atos performativos” dos militares nas “batidas” em bares, festas e bordéis e a percepção da capilaridade entre agentes estatais, lideranças sociais, instituições e campanhas religiosas, leituras

mediáticas que tecem políticas, discursos e práticas produtoras de fronteiras nacionais, sociais, simbólicas, regionais, sexuais, entre outras.

Também na linha dos estudos sobre “mercados do sexo” em territórios de fronteira, Susanne Hofmann, no artigo *Trabalhar em espaços inseguros: a fronteira México-EUA a partir do olhar das trabalhadoras sexuais*, apresenta uma das fronteiras mais visadas do mundo, aquela entre os Estados Unidos e o México, em Tijuana, desde uma perspectiva pouco usual na vasta bibliografia sobre essa fronteira: a das trabalhadoras do sexo. Em função de compreender a percepção e as escolhas destas mulheres, a pesquisadora explicita o panorama da indústria do sexo transfronteiriça nessa cidade no marco maior dos processos políticos e econômicos de configuração fronteira. Isto é, Hofmann elucida o contexto de instauração de “maquilas” estrangeiras em Tijuana e a massiva migração de trabalhadores e trabalhadoras mexicanas para tentar um emprego nessas fábricas, ao mesmo tempo em que milhares de pessoas atualizam o sonho de entrar e habitar nos Estados Unidos em busca de melhores condições de vida para si e para suas famílias. Nesse marco, a autora ressalta como atravessar a fronteira para morar nos Estados Unidos não é um sonho atual para todo mundo, tendo importantes contingentes de pessoas que não (mais) desejam atravessar e que encontram na própria fronteira –em Tijuana– o espaço de materialização dos projetos de mobilidade social. Tal é o caso das trabalhadoras do sexo, que segundo a autora, são agentes importantes na movimentação da economia local/transfronteiriça, bastante marcada por desigualdades e inseguranças que atingem às trabalhadoras sexuais. Na análise de Hofmann, essas inseguranças surgem diretamente das políticas estatais de fronteirização, que produzem contingentes de desempregados e desarraigados que buscam restabelecer a vida de maneiras informais, irregulares ou ilegais em Tijuana, e ao mesmo tempo práticas ilícitas e abusivas do Estado local. Essa fronteira se desenha como um território em si mesmo profundamente marcado pelas ideias sociais, políticas e econômicas do que é (seria) uma “fronteira”: é assim, ao mesmo tempo, um lugar de passagem, de consumo transfronteiriço, de restabelecimento de projetos truncados, de lucro e trabalho, de múltiplas explorações, e um lugar no qual formas econômicas e governamentais particulares, que transitam entre legalidades e ilegalidades, são gestadas.

Os últimos dois artigos que compõem esse dossiê encontram-se vinculados à tradição que acompanha as fronteiras pelo viés dos deslocamentos e das mobilidades, particularmente transnacionais. Trata-se dos resultados de duas teses de doutorado preocupadas em compreender, por caminhos completamente diferentes, deslocamentos de pessoas de Minas Gerais (um dos *lugares* privilegiados na produção brasileira sobre “migrações”) para e na Europa. O primeiro desses artigos, *Tactics of Border Crossing Movement: exploring the mobility of Brazilians through the Schengen and UK airspace*, é o trabalho de Gustavo Dias, sobre as táticas de atravessamento das fronteiras do Espaço Schengen e do Reino Unido por pessoas provenientes de Alto Parnaíba. Na sua elaboração, Dias parte de um primeiro deslocamento no recorte, que implica deslocamentos na metodologia e nos recursos teóricos. Sua aposta consiste em focar a viagem, a jornada da mobilidade, o passo pelos diversos espaços da arquitetura de possibilidade ou de controle e contenção das migrações. Nesse sentido, Dias afirma se distanciar dos estudos que priorizam as construções sociais nos e entre os pontos de partida e de chegada, as relações dos que foram e dos que ficaram. É assim que “as táticas”, uma clássica noção de De Certeau (1994), é recuperada não apenas para acompanhar os recursos usados por aqueles que viajam, mas também para ir desnudando aos poucos toda essa arquitetura estratégica da migração. Isto é, a partir da experiência desses migrantes/viajantes, vemos a operação e o lucro das agências de viagens, as maneiras como o conhecimento sobre “regimes de mobilidade” (SCHILLER; SALAZAR, 2012) circula por baixo transnacionalmente até as casas de Alto Parnaíba, as fendas e furos da Fortaleza Europeia, as perigosas (e não tão) *Smart Borders* que armazenam e disponibilizam dados biográficos, entre outros. Por fim, Dias apresenta uma fronteira que se bem é extremamente porosa, também é *smart* e multiforme. A partir do seu trabalho, pode se ver a fronteira como uma máquina não necessariamente coerente de muitas peças conectadas por fios de naturezas diversas; uma máquina de regulação desses deslocamentos transnacionais que, como Dias mostra, se gruda um pouco nos corpos dos migrantes e os faz ser (ou temer ser), em qualquer momento, objetos eventuais de controles migratórios/fronteiriços.

Finalmente, o artigo de Paula Togni, *Fronteiras como interação de diferenças e o modelo teórico das interseccionalidades*: repensando a categoria juventude nos deslocamentos de "brasileiros" para Portugal, tem um lugar central e muito especial nesse dossiê. Como já foi dito, esse dossiê teve como evento de referência o SPG Fronteiras: territórios, políticas e interculturalidade que teve lugar na 38ª Reunião da ANPOCS em 2014, no qual Paula apresentou esse texto e provocou ricas discussões. No tempo de elaboração do dossiê, tristemente, Paula faleceu. Sua morte nos tomou absolutamente por surpresa e espalhou entre amigos e colegas uma sensação de vazio e de incerteza maiúscula. Além de uma colega e amiga, a antropologia brasileira, e em específico aquela dedicada às migrações e à produção social de mecanismos de diferenciação, perdeu uma importante e brilhante pesquisadora em emergência. Na sua tese de doutorado, *A Europa é o CACÉM. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal*, defendida em 2014, e da qual surge seu artigo nesse dossiê, Paula se propõe compreender de maneira densa as construções sociais de “jovens” “brasileiros e brasileiras” migrantes em Portugal e habitantes de uma *periferia* na Grande Lisboa. A partir de um precioso trabalho etnográfico que lhe permitiu acessar aos trajetos e às trajetórias desses jovens, às suas redes de relações, seus espaços de moradia, trabalho e lazer, Paula nos mostra os processos como nas mobilidades e na experiência transnacional (SCHILLER, 2010), os marcadores sociais de diferença vão sendo produzidos, agenciados e negociados de maneiras relacionais entre diferentes agentes sociais em rede. Nesse processo, Paula se depara com “a fronteira”. Seguindo o seu exercício de desconstrução de categorias aparentemente muito definidas (“jovens”, “brasileiros”, “migrantes”) e de sofisticação analítica dos seus dados, opta por uma abordagem analítica e multidimensional da fronteira. Para ela a fronteira, também aquela internacional entre o Brasil e o Portugal, é um espaço relacional, político, geográfico e simbólico de ação, importante para seus sujeitos de pesquisa na busca por “melhorar de vida” e por “aproveitar a vida”. O espaço da fronteira, então, é o espaço ao mesmo tempo material/territorial, econômico e simbólico dos deslocamentos internacionais, dos trânsitos entre centros e periferias, entre condições de vida diversas, entre formas de regular e de experienciar a sexualidade, entre cores de pele e “estilos de vida” associados à geração, ao gênero, à procedência socioeconômica,

entre outras. Como categoria analítica assim entendida, seguindo a inspiração de Feltran (2011), a fronteira ganha potência no trabalho que Paula nos deixou, pois se abre para a compreensão não apenas de fluxos e mecanismos de regulação, mas de um plano de relações marcado por disposições contenciosas e criativas entre diversas dimensões da vida dos sujeitos que nela, na fronteira reconfigurada pela autora, se recriam.

Finalmente, vemos então nesse dossiê a emergência de uma noção de fronteira que longe de facilitar acordos e univocidades é recriada pelos e pelas autoras levando em consideração a sua valiosa polissemia conceitual e metafórica, mesmo tendo como referência forte em todos os trabalhos ideias sobre espaço/território e sobre Estado e nação. Isto é, ainda num dos recortes possivelmente mais clássicos de abordar a fronteira –fronteira, território, Estado-, as experiências diversas de pesquisa e as abordagens particulares e criativas de cada autor permitem com que esse dossiê multiplique as versões do que é e como é uma fronteira, contestando a insistente retórica política que homogeneiza e cria a fronteira como um dado social autoevidente ou como um “mito-conceito” (SERJE, 2005), e que circula entre o futuro (expansão, possibilidade), o passado (atraso), o desejo e a ameaça (tudo aquilo para além da *finis terra*). Ainda mais, a partir de ancoragens empíricas diversas, os trabalhos nesse dossiê mostram como esse conceito é produzido e operacionalizado na prática dispersa, multissituada, descontínua e contingentemente conectada de uma pluralidade de agentes. Nesse sentido, os artigos apresentados transitam de maneira bastante criativa e rica entre formas conceituais, metafóricas e empíricas da fronteira, sem escolher umas ou outras de forma excludente, oferecendo um amplo leque de possibilidades (e de discussões e tensões) para um campo acadêmico e político em efervescência no Brasil.

Além do dossiê sobre Fronteiras, esse número da Revista *Ambivalências* traz duas resenhas duas obras e dois autores de grande importância para as ciências sociais contemporâneas. A primeira obra a ser resenhada por Lourenço Reis é a entrevista cedida por Zygmunt Bauman ao jornalista italiano Benedetto Vecchi por meio de correio eletrônico, em 2004 e publicada pela Zahar no ano seguinte. “Introdução a uma ciência pós-moderna”, de autoria do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos

foi o segundo livro resenhado por Luanne Michella Bispo do Nascimento.

Referências

ALBUQUERQUE, J. L. C. A dinâmica das fronteiras: deslocamentos e circulação dos brasiguaios entre os limites nacionais. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, Ano 15, n. 31, PP. 137-166. 2009.

_____. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. Limites e paradoxos da cidadania no território fronteiriço. Geopolítica(s). Madrid, **Revista de Estudios sobre Espacio y Poder**, v. 3, p. 185-205. 2012.

_____. As fronteiras da civilização e da nação em Domingo Sarmiento e Euclides da Cunha. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 184, p. 209-230. 2011.

ANCEL, J. **Géographie des frontières**. Paris: Librairie Gallimard. 1938.

ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera**: The new mestiza, San Francisco, USA: Aunt Lute, 1987.

ARRIAGA-RODRIGUEZ, J. C. La concepción de las fronteras y los límites territoriales en el pensamiento geográfico de Jean Gottmann. In: CARDIN, Eric; COLOGNESE, Silvio (orgs.). **As Ciências Sociais nas fronteiras**. Teorias e metodologias de pesquisa. Cascavel: JB, 2014.

ASSIS, G. O. “Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos”. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS Gláucia; OLIVAR José Miguel. **Gênero, sexo, amor e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, pp. 321-362. 2011.

BARBOSA, A. R.; RENOLDI, B.; VERÍSSIMO, M. (Orgs.). **(D)legal**: etnografias em uma fronteira difusa. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2013.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BRAH, A. “Diferença, diversidade, diferenciação”. **Cadernos Pagu**, Campinas, 26, jan.-jun. p.329-376. 2006.

BRASIL. Secretaria Nacional de Justiça. **Diagnóstico sobre tráfico de pessoas nas áreas de fronteira**. Brasília: Ministério da Justiça, 2013.

CAMPOS-DELGADO, A., ODGERS ORTIZ, O. “Crossing the border: mobility as a resource: Tijuana/San Diego and Tecún Umán/Tapachula

Regions. **Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, México, UABC, v. 13, n. 26, p. 9-32. 2012.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O índio e o mundo dos brancos: a situação dos tikuna do Alto Solimões**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 2000.

CARDOSO de OLIVEIRA, R., BAINES, S. (orgs.). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. Brasília: UnB, 2005.

COSTA, G. V.; OLIVEIRA, G. Redes ilegais e Trabalho Ilícito: comércio de drogas na região de fronteira de Corumbá/Brasil – Puerto Quijarro/Bolívia. **Boletim Gaúcho de Geografia**. n.38: 137-156, maio, 2012.

CARDIN, E. G. Trabalho e práticas de contrabando na fronteira do Brasil com o Paraguai. **Geopolítica(s): Revista de Estudios sobre Espacio y Poder**. Madrid, v. 3, p. 207-234. 2012.

DAS, V.; POOLE, D. “El estado y sus márgenes: etnografias comparadas”. **Revista Académica de Relaciones Internacionales**, n. 8 jun. 2008.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DONNAN, H.; WILSON, T. **Borders: frontiers of identity, Nation and State**. United Kingdom: Oxford. 1999.

ENNES, M. A. Aprender com o imigrante: a produção multi/intercultural da diversidade em Portugal. **Cadernos CERU**. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 197-224. 2014.

FELDMAN-BIANCO, B. “Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais”. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, n. 31, jan./jun, p. 19-50. 2009.

FELTRAN, G. S. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. De outros espaços. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-122. 2013.

FOUCHER, M. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical livros, 2009.

GALETTI, L. G. **Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização**. Cuiabá, MT: Entrelinhas/EdUFMT, 2012.

GARCÍA, C. I. **Fronteras: territorios y metáforas**. Medellin, Colombia: Hombre Nuevo Editores, 2013.

GOULARD, J. P. Ethniciser le territoire. Mouvements pendulaires transfrontaliers dans un contexte amazonien. **Cahiers de Amériques Latines**, p. 147-168. 2005.

GRIMSON, A. (org.). **Fronteras, naciones e identidades**: la periferia como centro. Buenos Aires: La crujía, 2000.

_____. **La nación en sus limites**: Contrabandistas y exiliados en la frontera Argentina-Brasil. Barcelona: Gedisa, 2003.

HAESBAERT, R. Multi/transterritorialidade e “contornamento”: do trânsito por múltiplos territórios ao contorno dos limites fronteiriços. In: FRAGA, Nilson Cesar (Org.). **Territórios e fronteiras. (re)arranjos e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2011, p. 15-32.

_____. **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3 ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2007.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Revista Mana**. Rio de Janeiro, v. 3, n.1, Abr., p.7-39. 1997.

HIRATA, D. Segurança pública e fronteiras: apontamentos desde o ‘arco norte’. **Revista Ciência e Cultura**. No prelo.

HOLANDA, S. B. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KUPER, A. **A reinvenção da sociedade primitiva**. Transformações de um mito. Recife: editora da UFPE, 2008.

_____. **Cultura, a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LAMONT, M.M. V. The study of boundaries in the social sciences. **Annual Review of Sociology**, 28, p. 167-195. 2002.

LISÓN TOLOSANA, C. “Antropología de la frontera”. **Revista de Antropología Social**. Madrid, n. 3, p. 75-103. 1994.

LOIS, M. Apuntes sobre los márgenes: fronteras, fronterizaciones y ordenes socioterritoriales. In: CARDIN, Eric; COLOGNESE, Silvio (orgs.). **As Ciências Sociais nas fronteiras**. Teorias e metodologias de pesquisa. Cascavel: JB, 2014. p. 239-261.

LÓPEZ GARCÉS, C. L. Pueblos indígenas, fronteras y estados nacionales: Reflexiones histórico-antropológicas desde las fronteras Brasil-Colombia-Perú y Brasil-Francia. **Revista Mundo Amazónico**. n. 2, p. 155-178. 2011.

_____. Ticunas brasileiros, colombianos y peruanos: etnicidad y nacionalidad en la región de fronteras del alto Amazonas/Solimões. 2000. Tesis de Doctorado. Universidad de Brasília. Brasília.

LOWENKRON, L. **Gênero, Fronteiras e Estado: a construção do tráfico de pessoas em investigações e inquéritos policiais**. Relatório de

pesquisa de pós-doutorado apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). 2014.

MACAGNO, L.; MONTENEGRO, S.; GIMENEZ BELIVEAU, V. (orgs.). *A Tríplice Fronteira: espaços nacionais e dinâmicas locais*. Curitiba: Editora da UFPR, 2014.

MARTIN, A. R. **Fronteiras e nações**. São Paulo: Contexto, 1998.

MARTINS, J. S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

OLIVAR, J. M. Adolescentes e jovens nos mercados do sexo na tríplice fronteira Brasil, Peru, Colômbia: três experiências, um tour de force e algumas reflexões”. *Artemis*. v. 18, n. 1, p. 87-102. 2014.

_____. **Mercados do sexo em territórios transfronteiriços: gênero e circulações na fronteira Brasil-Colômbia**. *Relatório final de pesquisa*. FAPESP. Núcleo de Estudos de Gênero –PAGU / Unicamp. Campinas. 2013.

OLIVEIRA, R. Mobilidades transgressoras, geografias ignoradas: itinerários e emaranhamentos envolvendo territorialidades de garimpeiros no Suriname. **Tese de Doutorado**. 2013. Universidade de São Paulo. São Paulo.

PAPADOPOULOS, D., STEPHENSON, N., TSIANOS, V. **Escape routes: control and subversion in the 21st century**. London: Pluto Press, 2008.

PISCITELLI, A. **Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo**. Rio de Janeiro: EDUERJ/ Clam, 2013.

_____. “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”. In: **Sociedade e Cultura**. v. 11, n. 2, jul/dez, pp. 263-274. 2008a.

RABOSSI, F. “En las calles de Ciudad del Este. Una etnografía del comercio de frontera”. Asunción: **Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica**, vol. 68. 2009.

RAFFESTIN, C. Elements pour une théorie de la frontière. **Diogène**, vol. 34, . 134, p. 3-21. 1986.

RATZEL, F. **La géographie politique**. Paris: Fayard, 1987.

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1996.

RICARDO, C. **Marcha para Oeste: a Influência da “Bandeira” na Formação Social e Política do Brasil**. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1940.

RODRIGUES, F.; PEREIRA, M. (org). **Estudos transdisciplinares na Amazônia setentrional: fronteiras, migração e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

SANTOS, C. R.. Sobre limites e fronteiras: a reprodutibilidade do

estoque territorial para os fins da acumulação capitalista. **Revista Franco-Brasileira de Geografia**, n. 12. 2011.

SARMIENTO, D. F. **Facundo: civilização e barbárie..** Petropolis, RJ: Vozes, 1997.

SCHILLER, N. G. "Cities and Transnationality." In.: BRIDGE, G.; WATSON, S. (ed.) **Blackwell's Companion to the City**, Oxford: Blackwell, 2010.

SCHILLER, N. G.; SALAZAR, N. Regimes of Mobility Across the Globe. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 39, n. 2, p. 183-200. 2012.

SERJE, M. **El revés de la nación: territorios salvajes, fronteras y tierras de nadie.** Bogotá: Universidad de los Andes, 2005.

SILVA, S. "Brazil, a new Eldorado for Immigrants? The Case of Haitians and the Brazilian Immigration Policy". **Urbanities**, v. 3, n. 2. 2013.

_____. "Hermanos amazônicos: processos identitários e estratégias de mobilidades entre peruanos e colombianos em Manaus". In: SILVA, S, (org.). **Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar.** Manaus: Edua, 2010. p. 205-222.

_____. A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, v.19, n.3, p. 77-83. 2005.

SPRANDEL, M. A. **Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais.**1992. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. Breve genealogia sobre os estudos de fronteiras & limites no Brasil. In: CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto; BAINES, Stephen (orgs.). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras.** Brasília: UnB, 2005.

TELLES, V.; HIRATA, D. Ilegalismos e jogos de poder em São Paulo. **Tempo Social**, USP. São Paulo, v. 22, p. 39-59. 2010.

TOGNI, P. *A Europa é o CACÉM. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal.* Tese de doutorado. ICS; ISCTE, Programa de pós-graduação em antropologia social. Lisboa: ICS, ISCTE. 2014.

TURNER, F. J. O significado da fronteira na história americana. KNAUSS, Paulo. **Oeste americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner.** Niterói: UFF, 2004.

VALCUENDE, J. M. **História e memórias das três fronteiras.** Brasil, Peru e Bolívia. São Paulo: EDUC, 2009.

VALENZUELA ARCE, J. M. Centralidad de las fronteras. Procesos socioculturales en la frontera México-EE.UU. HERLINGHAUS,

Hermann; MORAÑA, M. (Ed.). **Fronteras de la modernidad en América Latina**. México: Instituto Internacional de literatura Iberoamericana, 2003.

_____. (Org.). **Transfronteras. Fronteras del mundo y procesos culturales**. Tijuana: Colegio de la Frontera Norte, 2014.

VALLAUX, C. **Le sol et l'État**. Paris: Octave Doin et Fils, Editeurs, 2011.

VELHO, O. G. **Capitalismo autoritário e campesinato**: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento. São Paulo: Difel, 1976.

VILA, P. La teoría de la frontera version norteamericana. Una crítica desde la etnografía. **Fronteras, naciones e identidades**: la periferia como centro. Buenos Aires: CICCUS, 2000.

_____. **Crossing borders, reinforcing borders**: social categories, metaphors and narrative identities on the US-México frontier. United States of América: University of Texas Press, 2003.

WAIBEL, L. As zonas pioneiras do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 17, n. 4, out/dez. 1955.

WEBER, M. A nação. **Economia e Sociedade**. Fundamentos da sociologia compreensiva. V. 2. Brasília: UnB, p. 172-175. 1999a.

_____. O Estado nacional e a política econômica. COHN, Gabriel (org.). **Weber**. São Paulo: Ática, 1999b. p. 58-78.

ZÁRATE BOTÍA, C. **Silvícolas, sirringueros y agentes estatales: el surgimiento de una sociedad transfronteriza en la amazonia de Brasil, Perú y Colombia -1880-1932**. Leticia: Universidad Nacional de Colombia, 2008.